

LUÍS COSTA

À LENA

Nos 50 anos da nossa união

18/04/1948 — 18/04/1998

e aos nossos filhos e netos

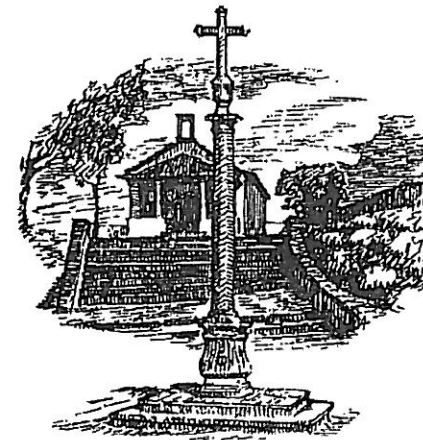
BRAGA

ROTEIRO HISTÓRICO E MONUMENTAL

EXTRA-MUROS

NA PESSOA DO PRESIDENTE DA APPACDM, COMENDADOR FÉLIX AUGUSTO RIBEIRO, O AUTOR COMPRAZ-SE EM OFERECER A SUA INSTITUIÇÃO TODO E QUALQUER PROVENTO QUE LHE ADVENHA DA DISTRIBUIÇÃO E VENDA DESTA *PLAQUETTE*.

Luís Costa
Natal, 1997



EDIÇÕES APPACDM DISTRITAL DE BRAGA

BRAGA • 1998

PRAÇA DO CONDESTÁVEL

Entrando na cidade pela Estrada Nacional que vem do Porto, por Ferreiros, deparamos logo ao fim da rua Cidade do Porto, na Praça do Condestável, como a saudar-nos na visita a esta JOVEM CIDADE com mais de dois milénios de história, com a

ESTÁTUA DE SANTOS DA CUNHA

a homenagem a um presidente da Câmara que ocupou os destinos da cidade durante doze anos consecutivos. Bracarense nato, que à sua terra dedicou grande parte da sua intensa actividade, de resto reconhecida por muitos seus conterrâneos que com o seu óbulo contribuíram para homenageá-lo, a colocou à entrada da cidade que ele ajudou a tornar maior, Prosseguindo pela Avenida Conde Dom Henrique, chegamos à

ROTUNDA DE MAXIMINOS

e aí deparamos, ao lado esquerdo, sobre o antigo Monte das Penas, com a

IGREJA DE SÃO PEDRO DE MAXIMINOS

Igreja Paroquial próxima do local onde existiu uma das portas acasteladas e onde no tempo dos romanos a companhia dos cidadãos fez à sua custa a casa de habitação da sociedade, como nos diz a inscrição que no «primeiro quartel do século passado (XVIII) apareceu ali encostada — *SODALICIUM - VRBANORVM - D - S - F - C - I Sodalitium Urbatorum de suo fieri cura-verunt*» diz Albano Belino, em «Archeologia Christã», possivelmente da parte da muralha romana. Por perto existiu o Circo Romano, que autores do século XIX diziam ter ainda visto as suas ruínas e que com o desenvolvimento da cidade, desapareceram. É esta uma das mais antigas paróquias da cidade e parece ter sido poupada aquando das invasões muçulmanas onde ficaram alguns dos cristãos que a troco de pesados tributos, continuaram a praticar a sua religião e a trabalhar para os invasores.

No tempo de Dom Gaspar de Bragança, sendo o Abade Manuel José Leite, secretário do Arcebispo, demoliu-se a primitiva igreja, situada por muito perto do actual Largo do Beco, e construiu-se a actual, como dissemos, no Monte das Penas. Essa igreja tinha a invocação de Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem está hoje situada no nicho fronteiro da fachada cujo estilo barroco é representativo da época em que foi construída.

À entrada da antiga estrada que pela rua onde esteve a fábrica do gaz e hoje matadouro, deparamos com o lugar do

PEÃO DA MEIA LARANJA

cujos restos de um fontenário ainda por lá se encontram espalhados. A seguir deparamos com a

RUA DA MADRE DE DEUS

que bifurcando com a antiga estrada nos enfrenta, atravessando a estrada que segue para Barcelos, o edifício do

COLÉGIO DOS ÓRFÃOS DE SÃO CAETANO

exemplar colégio, fundado em 1791 por Dom Frei Caetano Brandão, no Campo de Touros, (*hoje Praça do Município*) no lado norte deste Campo, tendo-o então baptizado com o nome de «SEMINÁRIO DOS ÓRFÃOS DE SÃO CAETANO», com o fim expresso de recolher rapazes órfãos. No seu início viu logo aumentada a sua população para 150 rapazes.

Cem anos depois, no século passado, foi ocupar as instalações, compradas em hasta pública a Francisco Maria Falcão Costa de Barbosa e Macedo, em 24 de Maio de 1885, pela quantia de 18.814\$640 reis.

O portão da entrada principal, tem a encimá-lo o brasão da família Cota e Falcão, tendo no jardim o busto do eminente arcebispo que deu origem a esta instituição que conta já mais de duzentos anos: D. Frei Caetano Brandão.

Situado, portanto, na antiga casa e quinta dos Falcões, as obras deste colégio foram iniciadas em 1888, tendo-se construído ao centro deste vasto edifício a Capela, com a frente para Noroeste, defrontando a linha do caminho de ferro, razão porque é quase desconhecida. Sob o risco do architecto Stamin, é «um belo exemplar da architectura latino-bisantina, diz Albano Belino», bem mais digno de figurar na frente do que nas costas do Colégio». Digna de apreciar-se a grande rosácia e como remate da fachada tem a encimá-la a cruz primacial.

Também vale a pena entrar no templo para apreciar as primorosas esculturas das imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e a de São José, esculpidas em Barcelona.

Um pouco à frente deparamos com a Ponte dos Falcões, que dá acesso às Escolas de São Pedro de Maximinos.

Dirigindo-nos de novo à rotunda de Maximinos, vamos pela rua Comendador Santos da Cunha e subindo a rua dos Bombeiros Voluntários, olhando à direita vemos a iniciada construção do futuro Museu Dom Diogo de Sousa que, aproveitando as ruínas romanas postas naquele local a descoberta, irão constituir o núcleo do museu arqueológico que encerrará todo o material de arqueologia que tem sido descoberto na cidade. Depois viramos à esquerda para a rua Dr. Rocha Peixoto e encontrámo-nos na

COLINA DA CIDADADE

Cercado por uma rede metálica, penetramos por um largo portão nas ruínas romanas da antiga Cividade, onde

por entre restos de alicerces de construções desses recuados tempos podemos ver o resultado das escavações ali levadas a efeito pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e que puzeram a descoberto as Termas Romanas. Neste recinto encontram-se espalhados vários testemunhos da passagem da civilização romana por esta região que batizaram de BRACARA AUGUSTA, como por exemplo alguns marcos miliários recolhidos não só na estrada da Geira, como de outros caminhos que da Bracara se dirigiam a Astorga e depois a Roma e ainda outros elementos recolhidos nas várias escavações que se têm levado a efeito na cidade.

Saindo deste espaço, deveremos dirigir-nos para o lado da antiga rua do Matadouro, onde numa pequena colina deparamos com a:

CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO

uma pequena ermida que possivelmente, segundo a opinião que nos prestou um dos membros da Unidade de Arqueologia, está a ocupar o lugar onde os romanos teriam o seu templo pagão, dedicado a MERCÚRIO, o deus do comércio, já que quando das obras que se realizaram no paredão de suporte em 1620, ali apareceu uma pequena estatueta deste deus mitológico, conforme a informação recolhida em Senna Freitas na sua obra «Memórias de Braga».

Albano Belino, na sua obra «*Archeologia Christã*», corrobora esta informação dizendo:

«Há muito boas razões para se acreditar que esteve neste local das Carvalheiras o edifício da CHANCE-

LARIA ROMANA, que, no dizer de PLÍNIO, (História Nat. I. 3.º, Cap. 3, pág. 26) era a principal da Galiza, com jurisdição de 24 cidades e 275.000 habitantes». (*Não seria então possível ali também estar instalado o seu Templo?*).

Mais tarde, entre 1838-1839 foram construídos o paredão e o escadório actual, obra a cargo do mestre pedreiro Domingos Fernandes, da rua da Cónega.

Situada na Alameda das Carvalheiras, a capela de São Sebastião foi mandada reedificar por Dom Rodrigo de Moura Telles, como reconhecimento e agradecimento a este Santo pela debelação de uma peste que então grassava em Braga. A reconstrução modificou por completo o anterior edifício que aí tinha sido mandado edificar por Dom Diogo de Sousa, cuja porta de entrada principal se achava orientada para poente. A obra mandada fazer por Dom Rodrigo decorreu entre o período de 26 de Outubro de 1716 e 18 de Janeiro de 1717, e gastou nela a quantia de 2.200\$000 reis. Foi benzida nesse ano de 1717, e houve uma procissão com a imagem do Santo, desde a igreja de São Tiago da Cividade, onde se encontrava devido às obras, para a sua nova e reedificada capela.

Sobre a porta de entrada mandou o reedificador colocar o seu brasão de fé — sete castelos, tendo, um pouco mais acima, a escultura em pedra do Santo Patrono. Entrando neste pequeno templo — onde os Bombeiros Voluntários que têm o seu quartel ao lado mandam rezar mensalmente uma missa pelos seus colegas e benfeitores falecidos — notamos ao lado esquerdo do altar-mor

um recipiente em chapa de ferro, que servia para alojar um rolo de cera com 1527 varas, medida que abrangia o total do perímetro das muralhas Fernandinas que encerravam a cidade medieval. Esta *grande vela* era acesa ao domingo e dias santificados durante a celebração da missa.

Foi em 1570, em tempo da peste que invadiu a cidade de Braga, em lembrança e voto da Câmara e em nome do povo que esse círio se fez medindo exactamente a circunferência da cidade, e se prometeu ir todos os anos em procissão da Capela de S. Sebastião das Carvalheiras, fazendo ao redor das muralhas, uma procissão com o círio, o qual arderia no seu templo nos dias de festa. Desaparecida a doença a Câmara principiou por cumprir o voto que havia feito.

É de notar nas suas paredes interiores a decoração de azulejos do Século XVIII, com cenas representativas do martírio de São Sebastião e que são atribuídos a António de Oliveira Bernardes.

A Imagem de Nossa Senhora da Ajuda, venerada nesta Capela, foi para ali transferida aquando da demolição do Arco da Ajuda, ou de Maximinos, que então dava acesso pela rua dos Burgueses ou de Maximinos, à Sé Primacial (hoje rua Dom Paio Mendes).

Deixando este pequenino templo, vemos no paredão que enfrenta a casa nobre de São Sebastião das Carvalheiras — a Casa do Conde de São Joaquim — uma fonte adossada ao muro, que ali foi colocada, retirada da rua dos Granjinhos, aquando da construção do novo Hospital, e que datava do tempo de D. Diogo de Sousa.

Ao largo que está ao seu lado, onde se encontra a Administração Regional de Saúde, foi-lhe atribuído o nome do insigne presbítero bracarense do século V, que a História da Cultura Europeia conhece pelo nome de Paulo Orósio. Aqui se encontra, como já dissemos, o quartel dos Bombeiros Voluntários Bracarenses. Num dos lados, restam ainda vestígios da primitiva muralha medieval, com a torre de defesa que deu nome a um Colégio — o Colégio da Torre — que ocupava uma casa senhorial, na qual ainda se mantém o Brasão de Armas de Família. Neste largo esteve em tempos instalada a Escola Bartolomeu dos Mártires.

Prosseguindo pela rua do Matadouro velho, notamos ao lado direito a Escola da Sé e, ainda, na velha rua com entrada por detrás do SLAT, estão neste momento a decorrer escavações para porem a descoberto uma zona residencial e possivelmente comercial romana. Estas escavações a cargo da Unidade de Arqueologia decorrem a um bom ritmo e, uma vez terminadas virão a provar a importância da cidade romana, Bracara Augusta.

Voltando de novo à rua do Matadouro velho, entramos no Campo das Carvalheiras e uma das primeiras coisas que saltam à vista é o

CRUZEIRO DE DOM FURTADO DE MENDONÇA

um elegante monumento, datado do século XVII, que sobressai de um patamar constituído por uma série de degraus. É composto de uma coluna dividida em três partes constituídas por um quadrilátero que lhe serve de

suporte, uma coluna com elementos ovalados ou em ponta de diamante, seguida por uma outra que suporta uma esfera recortada que tem a encimá-la a cruz arcebispal.

Entre a sombra que nos proporcionam frondosas tílias podemos admirar um pequeno fontenário em ferro fundido que poderá refrescar com a sua cristalina água aqueles que se julguem com forças para fazer esta peregrinação por Braga fora de muros.

Ao lado direito, para quem está voltado para a escola nova da Sé, pode ver-se uma casa solarenga que pertenceu ao Comendador Jerónimo da Cunha Pimentel que além de Presidente da Câmara no século passado foi também Governador Civil. Este edifício onde hoje se acha instalada uma cooperativa leiteira, tem duas pedras brasonadas que representam a marca de família de Tomé da Corda, — um rolo de corda — uma, e a outra, as armas de fé do Arcebispo Dom Jorge da Costa — roda de navalhas que serviu para o martírio de Santa Catarina. Pertenciam estes dois brasões à antiga Capela de São Bartolomeu, depois chamada de São Gonçalo, quando foi reconstruída pelo arcebispo Dom Rodrigo de Moura Telles e hoje é a capela onde se acha instalada a instituição das Convertidas, na Avenida Central.

Fronteira a esta está o antigo hospício dos Cônegos Regrantes de Santa Cruz, de Coimbra, conhecidos pelos frades Crúzios e hoje é a chamada

CASA DO IGO

que ostenta sobre a porta principal, numa bordadura com dizeres latinos, a representação religiosa do Cordeiro

Pascal «*Agnus Dei*». No gaveto de entrada para a rua Visconde de Pindela, um nicho barroco pertencente à Irmandade de Santa Cruz, serve para na Semana Santa, se expor um dos Passos da Paixão de Cristo.

Descendo a rua Visconde de Pindela e já em frente ao largo do Senhor da Boa Luz, outra casa brasonada nos chama a atenção — a Casa dos Bravos — onde esteve instalado o antigo colégio São Tomaz de Aquino.

E assim penetramos na rua da Cruz de Pedra, cuja origem do nome se deve, possivelmente, ao facto de na entrada da rua existir um cruzeiro de pedra que durante a noite era sempre alumado por lamparina de azeite, e que nos levará à:

RUA CARDOSO AVELINO

nome que lhe foi atribuído aquando da sua abertura, porque na chegada a Braga do Caminho de Ferro, em Maio de 1875, Cardoso Avelino desempenhava então o cargo de Ministro. Para esta rua foi transferida a

CAPELA DE SÃO MIGUEL-O-ANJO

em 1878, quando foi demolida nas Carvalheiras, e era então o local onde os arcebispos se paramentavam para fazer a sua entrada solene na Sé de Braga. Ficava, portanto, perto da porta da muralha de Maximinos ou de Nossa Senhora da Ajuda, que pela rua dos Burgueses dava acesso à Sé. Em memória desta demolida capela

e transferência, ficou o topónimo da Avenida de São Miguel-o-Anjo.

Deslocaamo-nos agora para o

LARGO DA ESTAÇÃO

Largo aberto em 1875 aquando da chegada do Caminho de Ferro a Braga, ramal de Braga, que punha e pôs a cidade arcebispal em comunicação por linha férrea não só com o Porto mas também com as fronteiras espanholas de Valença e Barca de Alba, dando assim possibilidades de escoamento aos produtos agrícolas e industriais produzidos na região minhota da qual Braga é capital. Este largo teve, a princípio, o nome de Largo das Laranjeiras.

É digno de se fazer uma visita ao Museu do Caminho de Ferro instalado numa das antigas cocheiras da estação, onde se pode ver o material do século XIX, incluindo a máquina que serviu para a construção não só da linha do Minho como também do Ramal de Braga.

Do largo da Estação poder-se-á dar uma saltada ao fundo da rua Irmãos Roby, onde se situa, em Braga, a casa-mãe destes heróis bracarenses, cuja memória está perpetuada num dos canteiros da Avenida Central. Solar brasonado, mas cujo brasão foi picado. Está hoje na posse da Congregação Religiosa das Irmãs da Visitação.

Retrocedendo, dirigir-nos-emos para a

RUA ANDRADE CORVO

cujo nome deriva de um antigo Ministro que visitou Braga, quando da inauguração do Ramal de Braga, como também esteve presente num congresso de arqueologia promovido no século passado e na qual foi apresentado publicamente o trabalho sobre a Citânia de Briteiros.

Nesta rua, junto ao muro da cerca do Palácio dos Biscaínhos foi há anos montado um jardim infantil e nesse muro foi colocada a fonte do tempo de Dom José de Bragança, mandada edificar pelo Senado da Câmara, que fornecendo água do manancial das Sete Fontes estava colocada à entrada da hoje rua de Infantaria 8, junto à casa Jácome Borges Pacheco e que em 25 de Janeiro de 1745, por provisão de Sua Alteza, passou a usufruir água sobrance daquela fonte para seu uso, e que é hoje a ilustre Casa de Infias.

E assim chegamos ao

CAMPO DAS HORTAS

Neste campo ou jardim em primeiro lugar deparasse-nos a CASA GRANDE do Campo das Hortas, uma construção do século XVIII, que já figura no mapa das ruas de Braga desse século. É uma magnífica e robusta construção, com várias portas e janelas de grande proporção, com varandas e pilares no frontão, e, entre palmas, tem o brasão da casa.

Ao centro do jardim, bem cuidado e que não desmerece de outros jardins de Braga, está a monumental fonte de Dom Agostinho de Jesus, para ali levada pelos princípios da segunda dezena do actual século, e que durante vários anos esteve no campo do Salvador, depois de desmontada de em frente da Arcada, na Avenida Central, por volta de 1858.

Segundo a lenda, um edifício de grande porte, recentemente restaurado, está assente nos alicerces da antiga Chancelaria Romana e, dizem ali ter nascido nove irmãs gémeas, todas santas e mártires.

Olhando para Nascente vê-se deste Campo, um dos ex-libris da cidade, o:

ARCO DA PORTA NOVA

mandado abrir por Dom Diogo de Sousa, em 1512, para assim dar saída à cidade para o poente. No entanto devemos acrescentar que o arco actual não é o primitivo, pois este foi substituído pelo actual no tempo de D. Gaspar de Bragança, por despacho de D. José, Rei de Portugal, que autorizou a sua factura com as sobras das sisas. É, segundo alguns autores, possivelmente uma obra póstuma de André Soares, já da fase final do seu labor artístico, abruptamente interrompido pela sua morte. Podemos dizer que é uma transição do barroco para o estilo seguinte — neo-clássico — mostrando o primeiro no frontão recortado, como diz Robert Smith, à «maneira de Borromini» e dominado a meio pelo escudo ou armas de Fé do Arcebispo, muito embora a princípio, como se tra-